

**Banco ABC Brasil | Relações com Investidores**  
**Transcrição da divulgação de resultados do 3T17**  
**06 de novembro de 2017**

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

Bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do terceiro trimestre de 2017.

No slide 2 os principais destaques. O Lucro Líquido recorrente foi de 104 milhões de reais no terceiro trimestre de 2017, e de 322 milhões de reais no acumulado dos nove primeiros meses do ano.

O Retorno anualizado recorrente sobre o Patrimônio Líquido foi de 13,3% no terceiro trimestre de 2017 e de 14,1% no acumulado de janeiro a setembro.

A Carteira de Crédito Expandida encerrou setembro de 2017 com saldo de 23 bilhões de reais, permanecendo estável no trimestre e crescendo 8,5% em 12 meses.

A qualidade da carteira continua elevada, com 94,0% das operações de empréstimos e 98,8% das operações de garantias prestadas classificadas entre AA e C ao final de setembro de 2017, de acordo com a Resolução 2.682 do Banco Central. Considerando as duas carteiras, o percentual é de 96,1%.

No slide 3 apresentamos a evolução da carteira de crédito expandida. Ela se manteve praticamente estável no trimestre e cresceu 8,5% em 12 meses. Se considerarmos apenas os nove primeiros meses do ano, o crescimento foi de 1,4%.

No segmento Large Corporate, a carteira retraiu 0,6% no trimestre e cresceu 5% em 12 meses. Nos nove primeiros meses de 2017 ela encolheu 1,7%. O destaque de crescimento este ano é o segmento Corporate, que cresceu 6% no trimestre e 29,5% em 12 meses. De dezembro de 2016 até setembro o crescimento foi de 19,6%.

No slide 4 alguns destaques de cada segmento.

No segmento Large Corporate, terminamos setembro com 746 clientes, dos quais 496 possuíam exposição de crédito, resultando numa exposição média de 34 milhões e meio de reais por cliente. A carteira Large Corporate terminou o trimestre com um prazo médio de 350 dias. No segmento Corporate, encerramos setembro com 1.155 clientes, sendo que desses clientes, 861 possuíam exposição de crédito, resultando numa exposição média de 4,4 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o trimestre com prazo médio de 304 dias.

Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas.

Slide 05. No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias.

Encerramos setembro com 1,4% das operações da carteira de empréstimos em atraso acima de 90 dias, mesmo nível de junho. Esse nível de atrasos reflete o cenário desafiador pelo qual ainda estamos passando, principalmente no segmento Large Corporate.

No segundo gráfico, o saldo de PDD. Encerramos setembro com um saldo de PDD de 3,6% da carteira de empréstimos, uma redução de 0,4 ponto percentual em relação ao trimestre anterior.

No terceiro gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H.

Os empréstimos classificados em D diminuíram para 2,7% da carteira, e o saldo entre E e H reduziu para 3,3%, parte explicada por recebimento, e parte por venda de ativos.

---

No slide 6, a evolução de nossa captação. O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos.

Em setembro de 2017 o saldo da captação totalizava 25,3 bilhões de reais, apresentando crescimento de 3,6% no trimestre e de 16,5% em 12 meses. O destaque é a captação local com terceiros, que aumentou de 44% para 55% em 12 meses.

A liquidez permanece elevada e com precificação adequada. O nosso caixa era de aproximadamente 8 bilhões de reais ao final de setembro, bem acima do mínimo exigido pelos nossos modelos internos de gestão de risco. O funding de qualidade continua sendo um dos pilares do nosso negócio.

Não há descasamentos entre ativos e passivos, com o gap de liquidez permanecendo positivo em todos os períodos futuros.

No slide 7 a evolução de nosso Patrimônio Líquido e do Índice de Basileia. Terminamos setembro de 2017 com patrimônio de referência de 3,6 bilhões de reais, e patrimônio líquido de 3,2 bilhões de reais.

Encerramos o terceiro trimestre com Índice de Basileia ligeiramente acima de 17%, sendo 14,7% de capital de nível 1 e 2,4% de capital de nível 2.

Destacamos que 100% do nosso capital de nível 2 está de acordo com as regras de Basileia 3.

No slide 8, apresentamos a evolução da margem financeira.

A margem financeira gerencial atingiu 260 milhões de reais no terceiro trimestre de 2017, apresentando redução de 6% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 1,5% em relação ao mesmo período de 2016. No acumulado dos nove primeiros meses de 2017, a margem financeira foi de 802 milhões de reais, crescimento de 9,4% em relação aos nove primeiros meses de 2016.

O Patrimônio Líquido Remunerado a CDI apresentou redução de 13,2% no trimestre e de 28,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado de nove meses de 2017 comparado com 2016 a queda é de 9,4%. Essa redução já era esperada e é consequência da queda da taxa SELIC.

A margem financeira com clientes permaneceu praticamente estável relação ao trimestre anterior e aumentou 17,7% em relação ao mesmo período de 2016. Considerando o acumulado dos primeiro nove meses de 2017 em comparação ao mesmo período de 2016, observamos um crescimento de 12,3%, refletindo o crescimento da carteira e o aumento dos spreads no comparativo entre os dois anos.

A margem financeira com o mercado apresentou redução de 10% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 11% em relação ao mesmo período do ano passado. No acumulado de nove meses, apresenta crescimento de 38% no comparativo com o mesmo período do ano anterior.

A despesa de PDD foi de 55 milhões de reais no terceiro trimestre de 2017, uma redução de 3% em relação ao trimestre passado. As despesas de PDD ainda continuam em patamares elevados e é consequência de um ambiente macroeconômico desafiador pelo qual a economia brasileira ainda está passando. No acumulado de nove meses, a PDD foi de 169 milhões de reais, 10,5% maior que o mesmo período de 2016.

A taxa anualizada da margem financeira gerencial (NIM) ficou em 4,1% a.a. no terceiro trimestre de 2017, apresentando redução de 0,2 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e de 0,5 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2016. No acumulado de nove meses de 2017, a NIM foi 4,2%, 0,2 ponto percentual menor que o mesmo período de 2016.

As receitas de prestação de serviços atingiram 71 milhões de reais no terceiro trimestre de 2017, apresentando redução de 6% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 7,8% em relação ao mesmo período de 2016. No acumulado de nove meses, elas atingiram 222 milhões de reais, apresentando crescimento de 19% em relação ao mesmo período de 2016.

---

A receita de garantias prestadas apresentou redução de 4,2% em relação ao trimestre anterior, reflexo da redução da carteira média, e de 0,7% em relação ao mesmo período do ano passado. No acumulado de nove meses apresenta crescimento de 9,5% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Os fees de mercado de capitais e M&A apresentaram redução de 21% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 51,6% em relação ao mesmo período de 2016. A redução no trimestre é explicada pela menor contribuição das operações de M&A, que apresentou resultado bastante expressivo no trimestre anterior. No acumulado do ano de 2017 a receita dessa linha foi de 36 milhões de reais, representando substancial crescimento em relação aos nove primeiros meses de 2016, consequência do reaquecimento das operações de mercado de capitais de dívida local e aumento das atividades de M&A.

As receitas de tarifas cresceram 2% em relação ao trimestre anterior e 31,5% em relação ao terceiro trimestre de 2016. Considerando os nove primeiros meses de 2017 em relação ao mesmo período de 2016, o crescimento é de 5,2%. O crescimento trimestral e anual dessa linha reflete o crescimento da adesão do produto cash management pelos clientes do banco.

No slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência. A linha de despesas de pessoal ajustada e outras administrativas apresentaram redução de 4,4% em relação ao trimestre anterior e aumento de 4,6% em relação ao mesmo período do ano passado. No acumulado dos nove primeiros meses de 2017, verificamos crescimento de 8% em relação ao mesmo período de 2016.

O Índice de Eficiência atingiu 32,2% no terceiro trimestre de 2017, aumento de 1,8 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e de 2,6 pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2016. No acumulado de nove meses o índice de eficiência foi de 30,8%, 1 ponto percentual acima que o mesmo período do ano anterior.

No slide 11, a rentabilidade. O Lucro Líquido recorrente foi de 104 milhões de reais no terceiro trimestre de 2017, e de 322 milhões de reais no acumulado dos nove primeiros meses do ano.

O Retorno anualizado recorrente sobre o Patrimônio Líquido foi de 13,3% no terceiro trimestre de 2017 e de 14,1% no acumulado de janeiro a setembro. A queda marginal da rentabilidade se explica principalmente pela queda da taxa SELIC, que reduziu a remuneração do capital de giro próprio. Esperamos que, ao longo do tempo, essa queda seja compensada pelo aumento no volume de concessões de crédito, também pela queda do custo de crédito.

No Slide 12, o guidance para 2017, que permanece inalterado. Para a carteira de crédito expandida, a projeção de crescimento continua entre 8% e 12%. E para as despesas de pessoal e administrativa, esperamos um aumento de 5% a 7%.

Estes são os dados que gostaríamos de apresentar. Nos colocamos agora à disposição para responder eventuais dúvidas que os participantes desta teleconferência possam ter.

Muito obrigado!

---

## ÍNICIO DA SESSÃO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nossa primeira/próxima pergunta vem do Sr. Thiago Batista, Itaú BBA.

**[Thiago Batista – Itaú BBA]**

Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas. A minha primeira pergunta é em relação ao nível de provisão. Nesse trimestre o nível de provisão foi alto, eu sei que vocês não dão guidance de provisão, mas eu queria saber o quanto confiante vocês estão que a provisão deveria cair, eu imagino que de uma forma material, no ano que vem, e se o nível de retorno nesse trimestre em torno de 14%, eu achei um pouco baixo, vocês estão confortáveis com esse nível de ROE para o ano que vem. De novo, eu sei que vocês não dão um

guidance formal de número, não precisa falar o número em si, mas só a dinâmica que vocês imaginam de ROE e de provisão.

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

Oi Thiago e obrigado pela sua pergunta. O nível de provisão para 2018, na verdade a gente está saindo de um ciclo recessivo longo, quase três anos. Embora não seja um guidance, a expectativa é de que sim, o nível de provisão cai para 2018, essa é a nossa expectativa.

Emendando na sua segunda pergunta, o nível de retorno, esse é um dos pilares que a gente acha que pode melhorar o retorno do Banco do que foi apresentado nesse trimestre. Quanto ele vai ser e quando ele vai recuperar é muito difícil de a gente prever, mas a expectativa é de que em 2018 aja uma melhora no retorno do que foi apresentado nesse trimestre, consequência não só de um nível de provisão mais baixo como do crescimento de carteira mais alto.

**[Guilherme Costa – Itaú BBA]**

Desculpa ser chato nesse ponto da provisão, mas dá para imaginar que é uma queda material, pode ser uma queda importante? Como você falou, a gente está saindo de um ciclo de crédito, talvez o pior dos últimos muitos anos, dá para imaginar que a queda vai ser importante, pode voltar para o que era há alguns anos atrás ou algo assim?

**[Anis Chachur – Presidente Executivo]**

Thiago, quem fala é o Anis. Como você mesmo colocou na sua pergunta, nós não damos guidance de provisão e não é uma questão que não queremos dar o guidance, mas é difícil prever qual vai ser a provisão. Agora, o que nos leva a crer que 2018 deverá ser um ano de níveis de provisões menores que em 2017, se você verificar, todo esse efeito de provisão no terceiro trimestre e expectativa para o ano, ela é mais concentrada no Large Corporate, segmento mais afetado por essa crise.

O segmento corporate, mostrou, e tem mostrado esse ano, um bom nível de recuperação não só em níveis de crescimento como de provisão e níveis de atraso. Ambos os segmentos, não são segmentos que você trabalha em cima de um sistema de credit score, mas o segmento Large Corporate, os casos mais problemáticos são bem identificados. Então, por isso, pelo fato que essa concentração de provisão no segmento Large Corporate, acaba sendo poucos nomes e dentro de uma expectativa de crescimento econômico melhor para 2018, mesmo já tendo tido alguma melhora em relação a 2015 e 2016 em 2017, nos leva a estar confiantes que em 2018 o nível do custo de crédito deverá cair, porque esse custo mais alto é bem identificado em nomes específicos que nós acreditamos que em 2018 não ocorrerão.

Então por isso que existe essa confiança de que o custo do crédito deverá cair, mas repetindo, muito difícil passar valores, razão pela qual nós não passamos guidance. E, depois, a questão da expansão da carteira de crédito é do mesmo jeito: ambiente econômico favorável, economia crescendo, o segmento corporate – que é segmento menor, já demonstrou crescimento mais elevado, faz crer que 2018 também deverá ser positivo no que diz respeito ao crescimento da carteira.

Não temos ainda o guidance de crescimento para 2018, esse guidance será dado no nosso próximo call de resultados do ano. Com isso, com a expectativa de um crescimento de carteira melhor do que esse 2017 e mesmo sem falar em 2015 e 2016, e um custo de crédito menor pela razão que nós aqui colocamos, é possível imaginar um cenário mais positivo de resultado e retorno para o ano que vem. Mas, mais uma vez, guidance nós não vamos passar. Nós vamos estar trabalhando em um ambiente muito melhor para poder gerar esse crescimento e resultado e compensar a queda da taxa Selic.

**[Thiago Batista – Itaú BBA]**

Perfeito. Muito obrigado pelas respostas.

**[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]**

Bom dia Borejo, Anis, bom dia a todos. Eu também tenho duas perguntas. Eu vou iniciar exatamente por esse último ponto que o Anis comentou, em relação ao crescimento de carteira. A gente viu nesse trimestre, pelo menos a gente aqui, imaginava que a carteira fosse crescer um pouco mais “tri-a-tri” e a carteira nesse ano está crescendo 1,5% e o guidance indica um crescimento de 8-12%. Me lembro bem que o ano passado, o quarto trimestre teve uma recuperação forte e vocês acabaram entregando o guidance. Eu queria entender um pouco melhor como vocês estão vendo, esse ano deve ter um movimento parecido com o que a gente viu no ano passado no quarto trimestre? E se nesse início de quarto trimestre vocês estão vendo alguma recuperação que indique a possibilidade de entregar o guidance? Se vocês pudessem comentar um pouco mais sobre isso seria ótimo.

Em relação a NIM, ela caiu por essa questão da Selic no PL, mas o NII com cliente continua bem, ele caiu bem pouco nesse trimestre. Se vocês pudessem comentar um pouco mais sobre como vocês estão vendo os spreads nas operações. A gente imagina, pelo resultado, que os spreads estão resilientes, se vocês pudessem dar um pouco mais de cor de como vocês estão vendo as operações seria interessante.

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

Oi Thiago, obrigado pelas perguntas. Começando pela segunda pergunta, em relação ao spread é isso mesmo que você descreveu. A gente tem conseguido manter a receita com clientes, não só a receita de margem como também a receita de serviços e isso são consequência da manutenção do spread sim, que tem se mostrado muito parecido com os outros trimestres. Com relação ao crescimento da carteira, é o que você falou, é a mesma sensação do ano passado, a gente vê sim uma possibilidade de crescimento e atingimento do guidance no último trimestre, nos últimos três meses do ano. A gente tem no nosso pipeline e nas demandas que a gente tem sentido, a impressão é que o atingimento do guidance é possível, obvio que é desafiador, é um crescimento de 7% para atingir o guidance, ou 8% em três meses, mas pelo que a gente está vendo aqui até agora ele é possível de ser atingido sim.

**[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]**

Perfeito, Borejo. Um pequeno follow up. O que vocês estão vendo na ponta, continua sendo os spreads interessantes e resilientes, Borejo?

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

É o mesmo spread que tem sido praticado. Não temos sentido ainda uma queda.

**[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]**

Está ótimo, obrigado pelas respostas, Borejo.

**[Yuri Fernandes – JP Morgan]**

Obrigado Borejo e Anis, bom dia a todos. Eu queria fazer uma pergunta sobre Fees, na questão de garantias. Fees tem vindo bom, é o que vocês comentaram – a parte de tarifas bancárias têm ajudado, mas só para entender um pouco melhor as Garantias, o que a gente tem visto é uma queda “ano-a-ano” apesar de um aumento de 4% mais ou menos dos volumes. Então olhando o preço médio, a gente vê que esse preço médio tem caído. Como vocês têm visto a competição nisso? É isso mesmo, é uma tendência de queda, vai voltar para os níveis normais de 1,5%-1,6% de preço ou vocês acham que deveria estabilizar o preço e talvez não ter tanta pressão indo para a frente?

E uma segunda pergunta em despesas. A gente vê que vocês estão abaixo do guidance e isso tem sido uma tendência dos grandes bancos, a gente sabe que a estrutura de vocês é diferente mas se vocês puderem falar de uma possibilidade de ficar abaixo do guidance e como vocês estão vendo isso daqui para a frente, crescimento mais em linha com a inflação e otimização de despesas. Obrigado.

**[Sergio Borejo – Presidente Executivo]**

Obrigado, Yuri. Começando pelas Garantias. É óbvio que tem concorrência nesse produto, é inegável, mas é um produto, que se a gente olhar trimestre a trimestre, teve uma pequena queda porque o saldo médio foi menor em um trimestre do que no outro, essa é a razão, e não por spreads. Se a gente olhar nos nove primeiros meses de 2017 'vis-a-vis' os 9M16, até teve um crescimento nessa receita. Na verdade, esses Fees cresceram, se a gente pegar os últimos, estou vendo aqui no slide 09, os Fees cresceram constantemente desde o 1T14 e esse foi o primeiro [trimestre] que deu essa "quedinha". A gente não acha que vai ter uma queda no produto, não estamos contando com isso, a gente continua acreditando que é possível crescer nesse produto como a gente acha que é possível crescer nas outras linhas da carteira expandida, não só nessa linha de garantias como na linha de empréstimos. Também outro fenômeno que está acontecendo e aconteceu nesse trimestre é que com alongamento das dívidas das empresas, também no produto de títulos. Com o alongamento da carteira as empresas passam a usar outros instrumentos para captar recursos, então a gente não espera uma queda nessa carteira.

Quanto às despesas é um pouco do que você falou. A gente tem uma estrutura – você comparou com os grandes bancos, mas a gente não tem agência, então nossa base de despesa é basicamente Pessoas no nosso escritório central. A gente acha que é possível atingir o guidance desse ano de 5-7%, a gente está até agora no período de 9 meses com um crescimento de 7,9% mas isso é em função de algumas despesas que nós tivemos no 1S17 que não devem acontecer agora no 2S17, não aconteceram no 3T17 e não devem acontecer no 4T17. Então nós estamos positivos que vamos atingir o guidance de despesas sim.

**[Yuri Fernandes – JP Morgan]**

Muito obrigado.

**[Carlos Daltozo - BB]**

Bom dia a todos e obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas dúvidas e a primeira é com relação a qualidade de crédito. Nós vimos nos últimos dois trimestres o crédito ou os créditos 'escorregando' na classificação de risco – chegando a G no trimestre passado e a H agora nesse trimestre. Eu queria saber no próximo trimestre, quando forem baixados à prejuízo, qual será o impacto dessa baixa nas provisões e no índice de inadimplência?

E a segunda pergunta com relação a Fees, há uma certa sazonalidade no quarto trimestre, principalmente de Fees de Mercado de Capitais e Garantias prestadas, o que a gente pode esperar de resultado de Fees no quarto trimestre desse ano?

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

Obrigado, Carlos. Sua primeira pergunta, se eu entendi corretamente, me corrija aqui, quanto nós vamos ter de write-off no quarto trimestre, eu não tenho esse número aqui comigo, eu posso levantar e te passar depois, eu não tenho esse número especificamente agora, quanto que vai ser o write-off da carteira. Mas a gente levanta e te passa, não tem problema algum.

**[Carlos Daltozo - BB]**

É porque a carteira com risco G, por exemplo, no segundo trimestre chegou a R\$ 133 milhões e agora o risco H chegou a R\$ 114 milhões nesse trimestre, eu queria saber o que desses R\$ 114 milhões pode ser baixado para prejuízo.

**[Sergio Borejo – Vice-Presidente Executivo]**

Eu não tenho esse número agora e sempre tem a possibilidade de vender essa carteira. Não é uma condição necessária de causa e efeito. Eu preferia dar uma olhada com um pouco mais de cuidado nesse número, se você me permitir.

A segunda pergunta era com relação a Fees de garantias e Mercado de Capitais. A área de Mercado de Capitais tem sido um dos grandes destaques do nosso resultado desse ano até agora, nesses nove meses comparado com 2016, ela foi de R\$ 15 milhões para R\$ 36 milhões e é uma área que está preparada para esse momento, é um momento para a área de Mercado de Capitais, principalmente para emissão de

títulos de renda fixa, e a gente acha que pode ser um bom trimestre, o quarto trimestre de 2017. A gente tem uma expectativa muito positiva para essa área.

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Carlos, é o Anis. Com relação a carteira D e E-H, tem uma dinâmica que não é muito simples prevê o que vai acontecer em termos de write-off. Porque, por exemplo, a gente pode verificar no terceiro trimestre de 2017, nós tivemos uma queda de E-H e uma queda de D. Parte disso, faz parte desse processo de um final de um ciclo desafiador de crédito um pouco mais estressado que o país viveu. Nesse trimestre, nós tivemos de tudo, tivemos situações que uma parte foi baixado a prejuízo, teve uma parte da carteira mais estressada que nós conseguimos fazer o recebimento e teve ainda outra parte que já estava estressada e com provisões que nós identificamos interessados no mercado e vendemos. Então a evolução desse E-H teve uma dinâmica do segundo trimestre de 2017 para o terceiro trimestre de 2017 que parte teve um write-off, parte teve um recebimento e parte houve uma venda de ativos para terceiros. Então até que foi uma dinâmica boa dada essa fase ainda desafiadora, porém esperamos um período de final de ciclo de crédito mais estressado. Para o quarto trimestre, ainda seria um pouco prematuro passar o valor estimado de write-off, o que a gente pode dizer é o seguinte: estamos nesse processo – esperamos ser um processo de final de ciclo de crédito mais estressado e com isso, desse E-H que está hoje na nossa 2.682 (resolução) o quanto irá para write-off e o quanto será recebido e o quanto, eventualmente, será vendido [...] só na publicação do balanço mesmo, não tem outro jeito.

**[Carlos Daltozo - BB]**

Ok, excelente, muito obrigado pelo esclarecimento.

**[Gustavo Schroden - BofAML]**

Bom dia pessoal e obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer uma pergunta, é uma pergunta para discutir a dinâmica de vocês nesse trimestre e olhando para frente. A impressão que eu tenho é que o Banco está estruturado para um crescimento de carteira de crédito que talvez a gente não consiga mensurar bem quando vai vir, se a gente olhar pelo lado do capital, o Banco está com capital alto e por outro lado está com uma estrutura tanto de pessoal quanto de sistemas também preparados para esse crescimento. Porém, enquanto esse crescimento não vem o resultado fica prejudicado. Você tem um capital alto, uma Selic despencando machuca seu NII, uma despesa crescendo 8% ou alguma coisa assim, que também você não consegue ter receita suficiente para justificar essa despesa e estrutura mais alta. Vocês já colocaram a respeito do crescimento de carteira, que vocês esperam uma melhora, eu queria ouvir um pouco de vocês. Vocês estão com uma estrutura pronta para crescer e esperando esse crescimento, mas me parece que Corporate vai ser o último produto, segmento, a recuperar, dado os problemas que a gente conhece que tiveram no ano passado, então eu queria discutir com vocês um pouco essa estratégia. Quanto tempo vocês acham que vocês aguentam com essa estrutura de capital e de infraestrutura, pessoal e sistemas, se o crédito não voltar ou não voltar na velocidade que a gente espera. Como vocês enxergam? Porque se continuar assim vocês irão ter mais alguns trimestres que o ROE irá continuar baixo. Eu queria discutir isso com vocês. Obrigado.

**[Anis Chacur – Presidente Executivo]**

Gustavo, aqui é o Anis. Obrigado pela pergunta, muito interessante. Então vamos tentar por partes. O que o ocorre, primeiro com relação à nossa estrutura e o nível de eficiência, concordo com você que nós temos hoje uma estrutura montada que pode fazer mais ativos que o volume de ativos que temos hoje. Apesar disso, mesmo com uma estrutura, com uma capacidade de fazer mais e não estando fazendo tanto quanto poderíamos em função do momento econômico que estamos passando, ainda assim trabalhamos com índice de eficiência bom, patamar em torno de 30%. Fora isso, com relação aos níveis de rentabilidade e capital, até 2014, antes de setembro 2014, antes de entrarmos nesse ambiente mais estressado, eu diria que os nossos níveis de capital estavam bem adequados, no limite. Ou seja, o banco para poder continuar crescendo nos níveis de rentabilidade que possuía e com capitalização dos dividendos era possível se manter nesse ritmo sem muita gordura. Essa crise teve uma oportunidade, estrategicamente, nós optamos por continuarmos recapitalizando os dividendos porque entendíamos que essa capitalização seria importante para não só enfrentar a crise como ficar em uma situação mais propícia para o

crescimento quando saíssemos dela. E foi o que ocorreu. Nós nos recapitalizamos, conseguimos manter o nível de rentabilidade bom – não brilhante, mas dado o momento econômico que passamos, essa rentabilidade foi ajudada em partes pela taxa Selic, mas ainda assim, sempre com spread positivo, embora pequeno em relação à taxa Selic – isso falando nos anos de 2015 e 2016. E agora em 2017, o que ocorreu, especificamente nesse terceiro trimestre e um pouco no segundo trimestre, com a queda da taxa Selic mais acentuada, a rentabilidade nominal caiu mais o spread acima da Selic até aumentou. E esses níveis de queda de receita por conta de remuneração do capital de giro próprio e, consequentemente da rentabilidade eram esperados, em que pese o fato de que no tempo essa queda no rendimento do patrimônio por conta da taxa Selic seja compensada pelo crescimento de ativos e queda do custo de crédito, mas isso não acontece do dia para a noite. Ou seja, tivemos uma queda abrupta na taxa Selic, o crescimento veio em um ritmo menor e o custo de crédito ainda não caiu nos patamares que nós imaginamos que é possível eles caírem a partir de 2018. Então é um processo transitório. Nós somos muito otimistas com relação a perspectiva do Banco a médio e longo prazo e que o nosso caso de investimento é bem possível de ser atingido com o crescimento de ativos de forma mais agressiva, pelo fato que participamos de um segmento de negócios aonde nossos concorrentes são os grandes bancos dentro do wholesale e com a nossa participação de Market share muito pequena qualquer crescimento de participação de mercado que a gente venha a ter, mesmo que seja mínima, já significa um crescimento de ativos para o Banco bem substancial. E esse ano de 2017, você pode verificar que o segmento Corporate está tendo uma ótima performance em termos de crescimento e queda do custo de crédito. O segmento Large Corporate ainda não foi possível, dada a especificidade desse segmento e os casos de custo de crédito que nós estamos em fase de solução e também essa crise que atingiu o país, principalmente aos casos ligados à Lava-jato, eles acabaram afetando a capacidade de crescer e rentabilizar. Com a econômica voltando a ter o mínimo de crescimento e os problemas da Lava-jato identificados, provisionados e resolvidos, a perspectiva de utilização desse capital hoje existe e da estrutura existe é muito boa. Não estamos agora em condição de passar números, esses números serão passados na nossa próxima reunião de resultados, número de rentabilidade não temos como praticar passar guidance de rentabilidade ou PDD, mas a expectativa é bem positiva. Agora, em que pese o fato de estarmos em uma fase de subutilização da nossa capacidade de fazer negócios, mesmo tendo condições de fazer mais, os níveis de eficiência e de rentabilidade que nós estamos praticando estão bons. É claro que podem ser melhores, o nosso objetivo é melhorar e temos condição para isso.

**[Gustavo Schroden - BofAMLL]**

Está ótimo, Anis. Muito claro, obrigado.

**[FIM]**